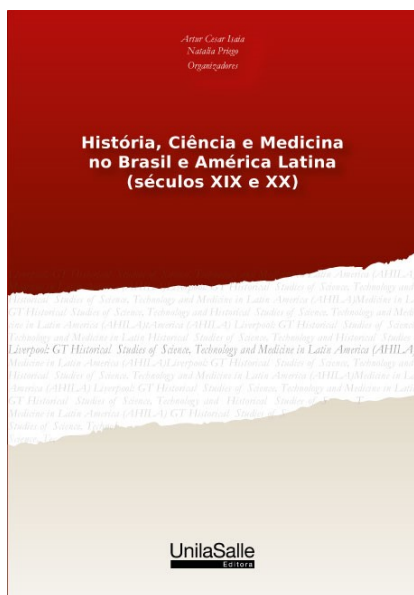


RESENHAS

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.34335>

ISAIA, Artur César e PRIEGO, Natália (organizadores). *História, ciência e medicina no Brasil e América Latina (séculos XIX e XX)*. Canoas: Unilasalle, 2016. 311p. ISBN 978-85-89177-44-3.

Recebido em 22/11/2016 - Aprovado em 15/12/2016



As crenças em interface com a ciência e a medicina

Mateus Tatsch de Mello¹

Com a bem sucedida organização dos professores e pesquisadores Artur César Isaia e Natália Priego, a editora Unilasalle nos traz uma obra composta por uma coletânea de artigos desenvolvidos no GT “Historical Studies on Science, Technology and Medicine in Latin America” da European Association of Historians of Latin America (AHILA), após o congresso realizado na Alemanha em 2014. Esse grupo foi fundando no ano de 2012 com o objetivo de unir os pesquisadores interessados em ampliar a troca de ideais além dos encontros, criando um fórum permanente de discussão para todos os pesquisadores interessados no escopo do grupo. Apesar do

tema mor estar voltado à questão da ciência e medicina, a obra contempla instigantes estudos que abordam as crenças religiosas.

Na primeira parte da obra, intitulada “Discurso científico e lugares de produção”, temos a apresentação de quatro artigos. O primeiro é de autoria de Ana Teresa Acatauassú Venâncio e Ede Conceição Bispo Cerqueira e é denominado “Os

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). Email: mat_tatsch1@yahoo.com.br

intercâmbios científicos pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1907-1933): primeiras notas. Os autores, ambos da Fundação Oswaldo Cruz, apresentam como essa importante sociedade da institucionalização da psiquiatria do Brasil no início do século XX buscou ampliar saberes fora dos limites brasileiros, principalmente em países de tradição na escola da psiquiatria, como a Alemanha. A psiquiatria brasileira foi muito influenciada pela escola francesa e alemã. Ressalta-se no artigo a importância da relação de Juliano Moreira com o psiquiatra alemão Émil Kraepelin. Por se tratar de intercâmbio, diversos profissionais estrangeiros vieram ao Brasil tanto para participar de eventos quanto para visitas técnicas aos estabelecimentos de saúde mental.

O segundo artigo foi escrito por Ismael Ledesma Mateos e Minerva Contrevas Alvarado, da Universidad Autónoma de México (UNAM). Trazendo o título de “La biología experimental en México: Esbozo del desarrollo de dos de sus disciplinas”, conta como as práticas experimentais no campo das ciências biológicas iniciou e se desenvolveu no campo científico mexicano. Os autores fazem uma releitura da biologia experimental a nível mundial, desde a microscopia básica até o desenvolvimento da biologia molecular. Após, são descritos os processos históricos da fisiologia e da biologia molecular no México.

Com o título de “De los periódicos a la primera revista médica estable: la Gaceta Médica de Caracas (1893-1933)”, de autoria de Yajaira Freites, temos o terceiro artigo dessa primeira parte. Com a proclamação da independência da Venezuela perante a Espanha em 1811, a ciência não estava nos primeiros planos da elite emancipatória e portanto ocupava um lugar secundário. O maior impacto cultural, segundo a autora, foi proporcionado por Simón Bolívar com a reforma de 1827, onde temos a conversão da “Real y Pontificia Universidad Central de Caracas” na atual “Universidad Central de Venezuela (UCV)”, possibilitando a criação de cursos de matemática, física, botânica e química. A autora faz uma releitura dos primeiros periódicos médicos da Venezuela, destacando as áreas específicas de interesse de cada um, bem como o período de veiculação, número de volumes publicados e cidade de origem. Com a reforma médica ocorrida no final do século XIX na Venezuela, através de esforços de alguns médicos, temos a criação da “Sociedad de Médicos y Cirujanos de Caracas” em 1893 e a primeira medida dessa nova associação é a criação da revista médica “Gaceta Médica de Caracas”. No ano de 1904, com a criação da “Academia Nacional de la Medicina (ACM)”, essa passa a ser a detentora do periódico. Conclui-se que a “Gaceta Médica de Caracas” tornou-se referência para os profissionais do país e segue sendo o veículo oficial da ACM como haviam sonhado os seus idealizadores.

O quarto e último artigo da primeira parte, o qual também está em língua espanhola, foi escrito pela professora e pesquisadora da Universidade de Liverpool, Dra. Natalia Priego, a qual, como vimos, é uma das organizadoras desse livro. Intitulado “Herbert Spencer, Porfirio Díaz y “los científicos”: la mitología del positivismo en México”, nos traz uma leitura sobre o período porfiriano do México e como o grupo “Los Científicos” era percebido na Europa com base na investigação dos trabalhos do filósofo inglês Herbert Spencer. Porfirio Díaz foi um militar mexicano que governou o

país em vários momentos. O país passava por um momento de caos e pobreza no período pós guerra e a figura do General Diaz trazia esperanças de estabilidade, ao menos para uma faixa da sociedade, a qual interessava não perder os privilégios nem a fortuna familiar. Garantiu relativas estabilidade e relações com os Estados Unidos. Com o advento da Revolução Industrial, começam várias interpretações e análises, dentre essas, temos as do filósofo inglês Herbert Spencer. A filosofia de Spencer percorreu um longo caminho até chegar no México de forma indireta e até por fragmentos, os quais provavelmente serviram de base teórica para intelectuais mexicanos como Justo Sierra, Francisco Bulnes, José Yves Limantour e possivelmente para os demais integrantes do chamado grupo “Los Científicos”. Esse grupo se aglutinou em torno do presidente Díaz, o qual entendia que a aplicação da ciência seria uma forma de resolver os problemas nacionais. Após uma muito bem detalhada descrição da formação filosófica mexicana, a autora conclui que a influência positivista no governo foi superestimada e o fato de ter sido considerada uma das norteadoras da filosofia do governo mexicano da época se deu pelos trabalhos desenvolvidos por Leopoldo Zea, os quais merecem uma profunda revisão à luz de novas fontes e novas investigações.

Na segunda parte da obra, temos o “Discurso científico e lugares de produção”, iniciando com o texto escrito pelo Professor Dr. Paulo Fernando de Souza Campos da Universidade Santo Amaro (UNISA) intitulado “Criminosos natos? Homens negros e ciência eugênica no Brasil nas primeiras décadas do século XX: confluências entre medicina e história”. No ano de 1921, mais precisamente no mês de outubro, ocorreu em São Paulo a fundação da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, atual Instituto Oscar Freire de Medicina Legal e Criminologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, instituição a qual patenteava as relações entre medicina e o direito na capital paulista. A psiquiatria afirmava ser capaz de caracterizar as mentes criminosas e segundo eles, uma atuação juntamente com os juristas, poderiam atuar na profilaxia do crime, considerando a detenção e institucionalização dos considerados “desviantes”, os quais mesmo ainda não corrompidos estariam a caminho da delinquência, da loucura e da criminalidade. Os negros foram os alvos preferenciais dos juristas e de uma norma médica que os estigmatizavam como inferiores. A publicidade em torno dos crimes supostamente cometidos pelo homem negro, fazia com que diversos negros fossem recolhidos pela polícia para “averiguação” ou “suspeita”, certamente pelo fato de sua raça. Em sua conclusão, o autor relata que mesmo após a prisão do “Preto Amaral” – caso analisado no texto –, os crimes envolvendo menores do sexo masculino continuaram e ele acabou morrendo na prisão sem nunca ter sido julgado.

A professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Dra. Maria Bernardete Ramos Flores traz nessa obra o artigo “O homem do cravo verde ou o amor não ousa dizer seu nome: primeiro movimento pela defesa da homossexualidade”, que trata sobre os primeiros movimentos pela reforma sexual na virada do século XIX para o século XX. As relações homoeróticas passaram da questão médica para social e até criminal porém na virada do século ocorre uma disputa entre a medicina e o direito. Alguns médicos procuravam dirimir o caráter mórbido dos chamados “invertidos”, relatando que seus pacientes não se comportavam como loucos, degenerados, tarados ou medíocres, mas

sim como pessoas direitas, éticas, dignas e morais. A conclusão do artigo nos traz que os embates sobre o que é normal ou anormal, saudável ou patológico não se estabeleceram de maneira tranquila e ainda muitas questões estão em discussão nos dias atuais e que o papel dos antepassados foi de suma importância para o reconhecimento dos valores dos indivíduos homossexuais.

“Discurso médico-psiquiátrico e Religião: o transe mediúnico na apreensão de um padre e de um médico na primeira metade do século XX” é o artigo que o professor Dr. Artur César Isaia, um dos organizadores dessa obra, escreveu e escolheu para fazer do livro. Temos uma descrição ímpar da presença do discurso médico-psiquiátrico na postura do padre e a do discurso religioso na apreensão do médico. Os personagens do texto são o padre Júlio Maria de Lombaerde e o médico Antônio Xavier de Oliveira. Na primeira metade do século XX as ideias do médico francês Jean Martin Charcot receberam uma recepção especial e não previsível em solo brasileiro: do discurso religioso, mais precisamente, no discurso católico, fato esse que se torna ainda mais surpreendente pelo fato dos discursos charcotianos sobre a histeria pregarem uma posição científica não apenas laica como também anticlerical. Charcot desenvolveu estudos sobre a etiologia da histeria, baseando-se no modelo anátomo-patológico, além do uso da hipnose. Suas teses foram posteriormente atacadas pela psicanálise freudiana. Uma das preocupações centrais de Charcot foi desvincular a histeria da religião, embora os assuntos religiosos também o inspirariam nos trabalhos que viria a desenvolver. Na época, juntamente com a histeria, o alcoolismo e a epilepsia apareciam como doenças que necessitavam um agir coletivo. A histeria aparecia como uma patologia relacionada com vidas marcadas por um agir impulsivo, nervoso, fora do controle da vontade e da razão, sendo as mulheres a maiores vítimas. Charcot foi o responsável por propor uma histeria masculina e a chamou de histeria traumática, sendo a classe trabalhadora a mais atingida.

Mesmo com essas colocações, as imensas maiorias dos relatos clínicos de histeria, tanto de Charcot quanto dos seus alunos faziam referências às mulheres pobres. Posteriormente as preocupações de Charcot serão os chamados “estados alterados da consciência”, visto que o Espiritismo e a invocação aos mortos se vulgarizavam na Europa do século XIX e o estudioso vai relacionar a prática espírita com as doenças psiquiátricas. Quando transe mediúnico é discutido, Charcot relacionava com a mesma etiologia que, segundo ele, era responsável pelos casos de histeria, que é a fraqueza do sistema nervoso. O autor ressalta que a concepção de Charcot sobre espiritismo não diz respeito ao espiritismo como doutrina codificada por Allan Kardec na França no final do século XIX. Essas teses do médico francês seriam incorporadas por vários intelectuais brasileiros na virada do século XIX e início do século XX, como por exemplo grandes nomes da psiquiatria nacional como Raymundo Nina Rodrigues. O Padre Júlio lança, na primeira metade do século XX, uma obra intitulada “*Os segredos do espiritismo*”, uma obra com literatura apologética e polêmica, vindo a público justamente quando a Igreja Católica perdia espaço no campo religioso. Essa perda de espaço é que faz com a Igreja Católica busque em outros discursos mais embasamento para difamar e desqualificar a doutrina espírita, como é visto nesse caso, sua aliança com os discursos da medicina psiquiátrica. Isso mostra que a Igreja tenta mudar a face de demonização da doutrina

espírita para uma face de “loucura-espírita” baseando no discurso médico oficial. Esse discurso médico-psiquiátrico não surgiu do nada no Padre Júlio. Estudos de sua biografia mostraram que ele trouxe em sua bagagem quando veio da Europa os princípios desse discurso que fora então lapidado e utilizado em suas obras. Segundo Padre Júlio “o espiritismo se opunha a única e verdadeira religião, provinda da vontade de um Deus pessoal e provincial e estaria ligado ao mal ancestral. Um dos objetivos que fica evidenciado nas obras do Padre Júlio é seu objetivo de mostrar a inconsistência científica do Espiritismo e relacionar esse como um perigoso agente causador das doenças mentais. Classificava a Doutrina Espírita como o “veneno mortal” para nossa sociedade. Nos primórdios do Brasil republicano, ocorreu no Brasil um movimento dos médicos contra a manutenção da influência católica sobre os estabelecimentos asilares, ocorrendo a separação da Santa Casa e do antigo hospício Pedro II, o qual passou a se chamar Hospício Nacional. O médico Antônio Xavier de Oliveira se revelou um profissional muito ligado em dois pontos de referência, o catolicismo e a norma médico-social. Com base em seus estudos publicou a obra *Espiritismo e Loucura*, obra de grande relevância para a compreensão das discussões presentes no discurso médico-psiquiátrico frente ao transe mediúnico na primeira metade do século XX.

Um dos maiores expoentes da psiquiatria nacional da época e grande influenciador de Antônio Xavier de Oliveira foi Henrique Belfort Roxo, profissional que possuía formação positivista e não aceitava que a psiquiatria se debruçasse sobre as chamadas “questões da alma” ou “fatos misteriosos”, os quais deveriam ser deixados de lado e serem substituídos pela razão do estudo sistemático e científico. Uma questão que Antônio Xavier de Oliveira discordava de Belfort Roxo era que ele não concordava que a simples invocação dos mortos fosse capaz de causar tamanho desequilíbrio e nomeou a síndrome de espiritopatia, a qual era formada por vários fatores, sendo que o Espiritismo seria apenas um dos males capaz de desflorar essa doença. Assim como ocorreu com o Padre Júlio, a literatura invocada por Xavier de Oliveira estava em choque com sua posição pessoal. Em seu discurso deixava claro as oposições imaginárias que deveriam pautar as diferenças entre a verdadeira religião, a católica, do espiritismo, o qual estava associado ao que pior existia na sociedade brasileira. Relacionava o Espiritismo com as religiões de origem afro-brasileiras e que as mesmas deveriam ceder lugar a civilização. A sua formação deixa explícita a leitura do espiritismo como “loucura epidêmica” e investia contra a busca da identidade científica da Doutrina Espírita, principalmente criticando a homeopatia. Um fato interessante destacado pelo autor era a presença na ficha de anamnese para entrada do paciente no hospital psiquiátrico de uma pergunta: “qual centro espírita que frequenta?”. Segundo Xavier de Oliveira, 90% dos asilados possuíam alguma ligação com o Espiritismo. Também disse que entre os anos de 1917 e 1928 a chamada “espiritopatia” havia aumentado 11,5 vezes. O autor afirma que esses números devem ser tratados com prudência, visto que quando os dados foram coletados, Xavier de Oliveira era dotado de autoridade incontestável na instituição. A conclusão nos traz como tivemos a união da Igreja Católica com a medicina na tentativa de coibir o inimigo em comum: o Espiritismo. Esse belíssimo texto do professor Artur Isaia aborda as questões de maneira de fácil compreensão e de maneira muito clara.

O último artigo da segunda parte do livro foi escrito pela professora Dra. Beatriz Teixeira Weber, da Universidade Federal de Santa Maria. Com o título de “Percalços da história da homeopatia no Brasil no século XIX”, a autora visa discutir o embate entre médicos alopatas e homeopatas na segunda metade do século XIX, tendo como fontes, periódicos que foram pouco estudados com esse objetivo. Após uma breve descrição sobre os conceitos e a história do início da homeopatia no mundo, temos a terceira parte do artigo que versa sobre a produção histórica da homeopatia no Brasil, trazendo os achados dos pesquisadores que melhor abordaram o tema e constata que apesar de trabalhos bem importantes, é um tema que ainda tem muito a ser estudado e a existe uma grande diversidade de materiais que podem servir como fonte de pesquisa. Quando o assunto é a disputa com os médicos, no início de sua introdução no Brasil, no final da primeira metade do século XIX, os homeopatas foram considerados os novos e piores charlatões, devendo ser combatidos pois somente os detentores dos saberes da “velha medicina” possuíam os saberes necessários para tratar e curar os doentes. Como o Jornal do Comércio foi fonte de outros pesquisadores, a autora somente comenta os trabalhos realizados e se detém no uso de outros periódicos ainda não explorados com essa perspectiva, tais como: *A Sciencia, Jornal da Academia Medica-Homeopathica do Brasil, Almanack Hahnemanniano, O Médico do Povo* dentre outros. Para finalizar o texto, a Prof. Beatriz nos traz a “Perspectiva medica popular da homeopatia”, dissertando como apesar dos impiedosos ataques sofridos a homeopatia conquistou espaços importantes no século XX.

A terceira e última parte da obra é intitulada “Discurso científico e lugares de produção” e é composta de dois excelentes trabalhos, sendo o primeiro de autoria de Yonissa Marmit Wadi e Atiliana De Bona Casagrande, chamado “O Hospital Colônia Adauto Botelho, as políticas de saúde e a assistência psiquiátrica no Brasil dos anos 1940-50”. Nos quinze primeiros anos do governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945), houveram algumas mudanças na política de saúde pública brasileira e o Brasil aderiu a algumas diretrizes internacionais, as quais foram bem importantes para a criação de um novo cenário para a psiquiatria brasileira. As autoras destacam o papel da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e como essa instituição beneficiou o Brasil após a implantação dos programas propostos em solo brasileiro. Na década de 1940, se configurou um novo cenário para a assistência psiquiátrica brasileira, com a criação do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), o qual agregou outros órgãos já existentes, como a Divisão de Assistência a Psicopatas (DAP) e a Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (SAF-DF). Com essas mudanças, passariam os hospitais colônias tornaram-se os modelos assistenciais preferenciais. Foi com essa visão que no ano de 1954 o Hospital Colônia Adauto Botelho (HCAB) foi inaugurado no estado do Paraná. As autoras destacam as importantes mudanças na vida política do país, como as trocas presidências e no comando do SNDM, bem como fazem uma descrição riquíssima em detalhes do novo hospital colônia, desde sua constituição física até as questões administrativas e o período que o hospital alcançou a superlotação e a crise que abateu a instituição em seus primeiros anos de funcionamento, descrevendo como esse modelo

asilar foi considerado falido. Realmente um texto que faz uma releitura importantíssima desse período da psiquiatria brasileira.

O último artigo dessa obra é de autoria da professora Nádía Maria Weber Santos, intitulado “Quando imagem e ciência percebem a loucura: fotografias de manicômios da década de 1950 (Paris, Túnis, Porto Alegre)”. Nesse texto a autora faz uso da fotografia para trazer aos leitores uma interface entre a História Cultural e a ciência médica. Utiliza fotografias que foram publicadas em uma obra de um médico francês e as que foram publicadas no *Jornal Diário de Notícias*. Com as imagens, a autora consegue mostrar como eram as realidades e rotinas nas instituições fotografadas pelos autores das obras que serviram de base aos seus estudos, descrevendo juntamente com a fotografia, o período histórico que era vivido. São fotos de instituições de Paris, Tunis e do conhecido hospital psiquiátrico brasileiro, o Hospital Psiquiátrico São Pedro, localizado na cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil. São imagens que podem chocar muitos leitores, mas narram com clareza como era a assistência aos doentes psiquiátricos nesses locais.

Uma obra que consegue unir trabalhos tão relevantes que nos brindam com importantes relatos das questões históricas relacionadas a ciência e a medicina certamente tem muito a contribuir, além do conhecimento, como base para novos estudos sobre os temas propostos, que por mais que tenham sido magistralmente abordados, sempre possuem margem para novos pontos de vista e com isso servem de fértil material de estudo.